

MILAGRE: ANACRONISMO OU SINAL DE SALVAÇÃO?

Olga de Sá

Doutora em Comunicação e Semiótica, Mestre em Teoria Literária e pós-graduada em Psicologia Clínica pela PUC-SP, bacharel em Biblioteconomia, especialista em Ciências da Religião e em Orientação Educacional, ex-membro do Conselho Estadual de Educação, educadora, pesquisadora da PUC-SP e do Centro Universitário Unifatea, escritora e poeta.

RESUMO:

Este artigo trata da teologia do milagre, de como a Igreja reconhece as Aparições Marianas e dos primeiros milagres de N. Sra. Aparecida.

PALAVRAS-CHAVE:

Milagre; Nossa Senhora Aparecida; Teologia do milagre; Aparições Marianas; Racionalismo.

ABSTRACT:

This article is about the theology of miracle, how the Church recognizes the Mariana's Apparitions, and the first miracles of Nossa Senhora Aparecida.

KEYWORDS:

Miracle; Nossa Senhora Aparecida; Theology of miracle; Mariana's Apparitions; Rationalism.

A dificuldade principal a respeito do milagre é a própria ideia de milagre. Ela é rejeitada antes mesmo de qualquer exame dos fatos.

Para muitos, os relatos de milagres pertencem a outra mentalidade, a outra época. Reconhecê-los como realidade histórica seria dar prova de uma ingenuidade anacrônica e desconcertante. Não se crê mais em milagres, como não se crê em fadas ou bruxas, lobisomem ou saci-pererê.

O milagre simplesmente não é possível num universo que se basta. Desde o século XVIII, o racionalismo vem levantando objeções contra o milagre, apoiado em dados da ciência. Para o racionalismo, todo fenômeno “miraculoso” tem sua expressão natural, que só precisa ser descoberta. Assim,

até os milagres da Bíblia são contestados e explicados como fenômenos naturais, sugestões, hipnose. Ilusão. Sejam os do Antigo Testamento (travessia do Mar Vermelho, Maná, passagem do Rio Jordão, queda das muralhas de Jericó), sejam os do Novo Testamento (cura do cego de nascença, do paralítico, a ressurreição de Lázaro).

Pierre Bayle, desde o início do século XVIII, se empenhou em demonstrar o aspecto ridículo da crença no milagre. É digno da natureza de Deus manter as leis gerais do universo que ele mesmo criou e nada mais indigno do que acreditar que Deus interfira para suspendê-las. Falar de algo contrário à natureza criada por Deus seria negar sua imutabilidade, diz Spinoza.

(extraído de, Aparecida. Ed. Santuário, 2013, p. 280)





(extraído de Aparecida, Guia da Basílica Nacional, Ed. Santuário, 2013, p. 97)

Os milagres parecem algo de novo só para a ignorância dos homens, diz David Hume. Afirma ele que o único fundamento de nossas certezas é a experiência dos sentidos. Ora, essa experiência atesta a constância das leis da natureza. O milagre é uma infração às leis da natureza, leis estabelecidas sobre uma experiência firme e inalterável. Voltaire considera o milagre uma contradição em termos. Deus criou a máquina da natureza perfeita, sem imperfeição alguma. Portanto, não mudará nada. Crer em milagres é insultar a Deus, considerá-lo inconsequente.

A teologia cristã da época encontrou-se numa posição incômoda, definindo o milagre como “exceção às leis da natureza”.

É verdade que o universo material encontra sua inteligibilidade na habitual submissão às leis do cosmo, das quais, porém um bom número são leis estatísticas. Por outro lado, a totalidade do real não é unidimensional, isto é, reduzida ao mundo material e à inflexível rede de leis. A totalidade do real assemelha-se, antes, a uma ordem piramidal, de que nenhuma parte tem completa autonomia, mas onde todas fazem parte de um conjunto orgânico, orientado para um ápice que transcende as possibilidades de ação conaturais a cada uma. Estamos diante de uma hierarquia de ordens subordinadas umas às outras: a ordem inorgânica submetida ao determinismo, a ordem orgânica com seu finalismo, a ordem do pensamento e da arte com sua criatividade, a ordem da vida religiosa e moral com sua liberdade. Nesta hierarquia, toda ordem inferior é ordenada à superior e está integrada na ordem total. O universo infra-humano está ordenado ao homem e este último, por sua vez, está aberto à ação transcendente de Deus. O milagre liberta o universo físico de seus “limites”, eleva-o e o faz colaborar com a ordem superior da salvação. É, pois, perfeitamente legítimo que o universo físico encontre seu “sentido habitual” no determinismo das leis; por outro lado, é igualmente compreensível que Deus manifeste, com uma iniciativa totalmente gratuita, na história e no cosmo e a

nível de causa primeira, a iniciativa ainda mais gratuita da salvação. O milagre torna-se, assim, o vestígio e o sinal da graça da salvação no universo.

Situa-se na ordem religiosa, com que Deus convida o homem a uma comunhão de vida com ele. O milagre só pode ser acolhido por aqueles que olham o mundo como dominado e dirigido por um ser livre e transcendente, que age a seu nível como poder criador e recriador, e que pode estabelecer com o homem relações interpessoais.

O milagre é um apelo dirigido ao homem nas profundezas de seu ser, naquele nível de interioridade em que o homem, como espírito, está aberto a Deus e a uma eventual manifestação dele próprio na história e no mundo. O milagre pressupõe que o homem reconheça lealmente o caráter finito de sua existência e de sua condição de ser “necessitado de salvação”; e também reconheça a liberdade de Deus de agir na história para entabular com o homem um diálogo inédito. A liberdade de Deus não se esgotou unicamente no ato criador, como uma fonte que secou no seu primeiro borbulhar. Deus é a liberdade infinita, imprevisível e inesgotável, na gratuidade de suas iniciativas. O fato de Deus ter decretado revelar-se ao homem e salvá-lo através dos caminhos da encarnação e da cruz, isto é, através do que de mais deficiente existe em relação a ele, espírito puro, isto é, através da carne, e o fato de ele ter decretado prolongar esta economia da encarnação com uma economia de sinais, que atestam a presença eficaz da salvação entre nós, faz parte de seu imprevisível amor e de sua infinita liberdade. Todo aquele que situar o milagre nesta economia de salvação e liberdade infinitas, longe de falar de contra-senso, pelo contrário, percebe na ação divina uma “constelação de harmonias”: harmonia dos sinais com a intervenção de Deus feito carne, harmonia dos sinais entre si, harmonia dos sinais com o homem, ser feito de carne e espírito. Levando em conta tudo isso, propõe-se a seguinte definição de milagre: “o milagre é um prodígio

religioso, que exprime, na ordem cósmica (o homem e o universo), uma intervenção especial e gratuita de Deus de poder e de amor, que dirige aos homens um sinal da presença ininterrupta de sua Palavra de salvação no mundo”.

Evidentemente, prodígio não é sinônimo de milagre, mas o milagre enquadra-se na ordem do prodígio por um de seus aspectos: é um fenômeno insólito, que rompe o curso normal das coisas, tal como tem sido observado ao longo dos séculos. Desta maneira, exclui-se desde o início todo prodígio que se verifique em contexto profano, e se entende tanto o que é revolucionário para a imaginação, como também tudo o que pertence à categoria do maravilhoso, do fabuloso, do lendário, do mítico.

(extraído de Aparecida, Guia da Basílica Nacional, Ed. Santuário, 2013, s. p.)

O contexto religioso confere ao prodígio uma estrutura de “sinal divino”. O milagre ocorre em decorrência de uma súplica humilde, confiante, perseverante, da parte do doente ou dos que o rodeiam.

Pode também acompanhar uma vida de santidade heroica, como sinal de uma total união com Deus e de uma participação em seu poder de vida. Ou autenticar uma missão que pretende vir de Deus como é o caso dos profetas, de Cristo, dos Apóstolos.

O milagre é uma obra da onipotência de Deus “contrária à natureza” em seu aspecto mais revolucionário de prodígio, mas, na realidade, “superior à natureza”, transcendente a esta, como sinal de transformação gratuita do homem e do universo, operada pelo amor de Deus que salva e faz tudo novo, não somente na aparência, mas de





(extraído de *Aparecida*, Ed. Santuário, 2013, p. 301)

verdade, não somente para os homens de ontem, mas para os de hoje e de todos os tempos.

A natureza não é propriamente violentada, mas, antes, restaurada, elevada, dinamizada. Não existe nenhum argumento decisivo (se excluirmos a arbitrariedade ou o preconceito) para rebaixar o milagre ao nível dos fenômenos ordinários ou das coincidências fortuitas. Deus “faz transparecer através de sinais anormais, sua anormal bondade” (Maurice Blondel). Se acrescentarmos que se trata de uma intervenção de Deus de poder e de amor, fazemo-lo justamente para sublinhar que o milagre não é uma pura demonstração de poder, mas um gesto de amor. Por isto, o milagre só revela sua verdadeira natureza se for considerado do ponto de vista de Deus, tanto quanto do ponto de vista do homem.

O milagre como totalidade é um “prodígio significativo”, uma “ação-sinal”. Este aspecto intencional, semiológico, do milagre constitui seu elemento formal. Trata-se de um sinal interpelante e interpessoal, portador de uma intenção divina e dirigido ao homem como uma linguagem divina, como uma palavra concreta e premente de Deus para fazê-lo perceber que a salvação chegou. Por conseguinte, os milagres não são sinais históricos, “fechados” em si mesmos, mas mediações que orientam para sua superação.

Os milagres não se dirigem às elites intelectuais, mas a todos os homens de boa vontade. Dirigem-se à multidão daqueles (instruídos ou não) que têm olhos, bom-senso e coração. Pois, em definitivo, o juízo sobre o milagre, como sinal de Deus, é um problema religioso; situa-se naquele nível de interioridade em que o homem já decidiu que “basta a si mesmo” ou, pelo contrário, consciente de sua miséria, se reconhece pobre, frágil, desprovido, “necessitado de salvação”.

Já que o milagre é um sinal, cada um de seus elementos componentes precisa ser submetido a exame. Esses elementos são: o próprio fato, enquanto historicamente atestado (exame de competência da instância histórica), enquanto fato insólito e prodigioso (exame que compete à instância médica). Enquanto inserido num contexto certamente religioso (exame que compete mais diretamente à instância eclesial). O exame dos componentes do milagre, é, portanto, uma obra “interdisciplinar”. Neste recurso às competências dos especialistas não se deve ter medo de avançar até exaurir as instâncias da ciência, sabendo-se perfeitamente que a última palavra sobre a presença ou não de um evento miraculoso vem da instância eclesial, que, de resto, pronuncia um juízo prudencial e não infalível. Uma vez que os milagres são sobretudo curas de doenças, presta-se mais atenção ao papel da ciência médica. Isto posto, o que se deve esperar da perícia médica? Antes de tudo que o médico fale, observe, e julgue com todas as novas técnicas



(extraído de *Aparecida*, Ed. Santuário, 2013, p. 254)

disponíveis, inclusive as mais sofisticadas, sem esquecer as radiografias feitas até o momento da cura e imediatamente depois desta.

Como já foi dito, mais que contrário à natureza, o milagre é superior a ela, transcendendo-a. É próprio de Deus criar e recriar. A ciência sempre se sentirá desorientada diante da ação de Deus. O milagre é hoje reconhecido como uma realidade comple-

ta, cujo discernimento metódico tem que recorrer à interdisciplinaridade da história, da perícia médica, da física, da teologia, do direito canônico, da experiência eclesial. O julgamento final, que opera a síntese de todos os elementos recolhidos, é prudencial e não infalível: compete à Igreja. Por isso nenhum católico é obrigado a crer num milagre, mesmo quando reconhecido pela Igreja.

Uma cura pode impor-se como um fato, mas não é necessariamente reconhecida como um “sinal divino”. Discernir o milagre significa abrir-se ao mistério de Deus e reconhecer que o homem é indigente e não pode bastar-se a si mesmo. Tal atitude exige que o homem entre em si mesmo até aquele nível de profundidade em que se coloca o problema do sentido da vida e da salvação. (Cf. LATOURELLE, 1944, verbete milagre).

SALA DAS PROMESSAS (MILAGRES) NA BASÍLICA NACIONAL

A Sala das Promessas encontra-se no subsolo da Basílica Nova e é o segundo lugar mais visitado do Santuário, depois do nicho de Nossa Senhora.

Criada para receber as peças entregues pelos fiéis, a Sala mantém uma tradição comum a outros Centros religiosos: a exposição dos objetos ou declarações que confirmem o poder da graça e a proteção dos devotos. As paredes estão totalmente cobertas por fotografias deixadas no Santuário como manifestações de sentimentos, gratidão e de preces a Nossa Senhora. Revelam o mais profundo da alma humana, o agradecimento ou pedido de milagres. São fotos, “ex-votos”, imagens, armas, relatos, que testemunham a relação entre o céu e a terra em momentos do “impossível”.

Não podemos deixar de referir-nos aos primeiros grandes milagres, que, aliás, são bastante conhecidos.

A PESCA MILAGROSA

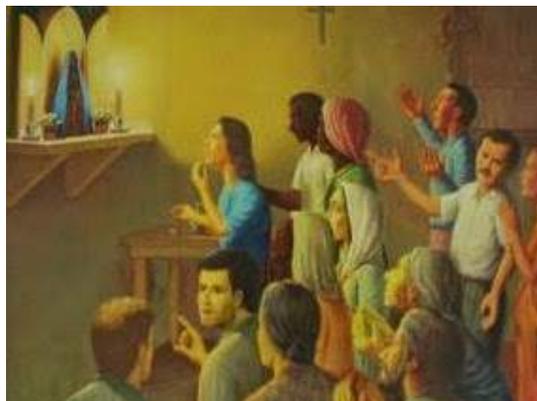
A partir do achado da imagem da Santa nas águas do Rio Paraíba do Sul, em 1717, a fé na Senhora Aparecida só fez aumentar. O primeiro prodígio anotado foi a pesca abundante que se seguiu (antes não havia peixe) ao achado da imagem pelos pescadores Domingos Garcia, Felipe Pedroso e João Alves, que ao jogar a rede pescaram o corpo e depois, a cabeça de Nossa Senhora da Conceição.



(Internet)

O MILAGRE DAS VELAS

Reunidos em oração diante de um humilde oratório construído para a pequena imagem retirada do Rio Paraíba, as famílias dos pescadores, repentinamente, assistiram ao apagar das duas velas que iluminavam o ambiente. Silvana da Rocha, querendo acendê-las, novamente, nem tentou, pois elas acenderam por si mesmas.



(Internet)

A MENINA CEGA

Nos sertões de Jaboticabal morava uma pobre mulher chamada Gertrudez Vaz e seus dois filhos: Malaquias e uma menina cega. Certo dia, mãe e filha partiram para conhecer a santa milagrosa. Ao chegarem ao bairro das Pedras, a mãe disse à menina que estavam chegando, e a menina levantando a cabeça, exclamou: -Olha, mãe, aquela não é a capela de N. Sra. Aparecida? Dona Gertrudes, emocionada, indagou: - Você está enxergando, filha? E a menina, sem hesitar, retrucou: - Sim. Mamãe. Estou enxergando tudo! De repente, vi uma luz que me clareou a vista.



(Internet)

A LIBERTAÇÃO DO ESCRAVO ZACARIAS

Em meados de 1850, um escravo chamado Zacarias havia fugido de uma fazenda no Paraná e acabou sendo capturado por um famoso capitão do mato, no Vale do Paraíba. Ao ser levado de volta, preso por grossas correntes nos pulsos e nos pés, quando passavam perto da capela da Santa, pediu permissão para rezar diante da Imagem. O feitor permitiu. De joelhos, o escravo rezava, quando, milagrosamente, os elos das correntes se romperam, deixando o escravo livre. Sabendo do ocorrido, seu senhor acabou por libertá-lo.



(Internet)

O CAVALEIRO ATEU

Um cavaleiro que passava por Aparecida, vendo a fé dos romeiros, zombou deles e tentou entrar na igreja a cavalo para ridicularizá-los. Na tentativa, as patas do cavalo ficaram presas na escadaria da Igreja, até hoje pode-se ver a marca de uma das ferraduras em uma pedra da Basílica Velha. O cavaleiro converteu-se.



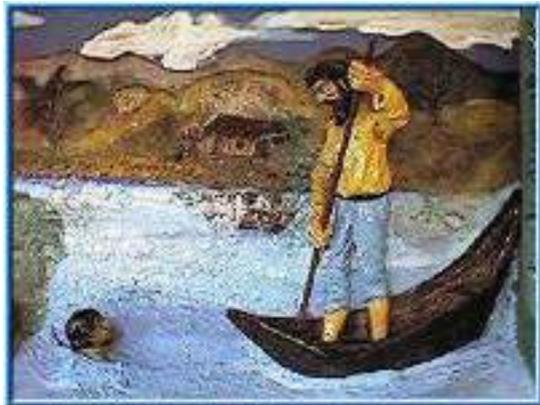
(Internet)

MENINO NO RIO

Pai e filho foram pescar. Durante a pescaria, a correnteza estava muito forte, e por descuido, o menino caiu no rio e não sabia nadar. A correnteza o arrastava cada vez mais rápido. O pai, desesperado, pediu a ajuda de N. Senhora Aparecida. De repente, o corpo do menino parou de ser arrastado, enquanto a forte correnteza continuava e o pai alcançou o menino.

(extraído de Aparecida, Guia da Basílica Nacional, Ed. Santuário, 2013.)





Menino, não morras,
 Porque a lua cheia
 vai-se levantando do mar.
 São de prata e de ouro
 as águas e a areia.
 Não morras agora,
 vem ver o luar!
 (MEIRELES, 1967, p, 201)

COMO A IGREJA RECONHECE UM MILAGRE OU AS SUPOSTAS APARIÇÕES E REVELAÇÕES

Em um artigo publicado em *l'Osservatore Romano*, o Pe. Salvador M. Perrella, especialista e professor de Dogmática e Mariologia na Faculdade Teológica Marianum de Roma, falou que o reconhecimento pontifício de uma Aparição Mariana acontece da seguinte maneira: pede-se “ao bispo diocesano, ao arcebispo metropolitano – em tempos mais recentes às conferências episcopais do território – e ao Papa o discernimento sobre a veracidade dos fatos apresentados”.

A Congregação para a Doutrina da Fé redigiu um documento sobre o modo de proceder para julgar as supostas aparições e revelações. Para proceder com a verificação é preciso obter “informação precisa sobre os fatos sob observação e a reunião

de testemunhas dos sinais de fé, exame da mensagem sujeita no fato sobrenatural, que não deve estar contra a fé cristã, diagnóstico médico-psicológico para garantir a saúde e a normalidade do vidente, e também para descartar a possibilidade de fenômenos alucinatórios, nível de educação do vidente, seu conhecimento da doutrina, sua vida espiritual, seu grau de comunhão eclesial, frutos espirituais, como o retorno à fé dos afastados, moralidade e eclesialidade da existência, cooperação na evangelização do mundo, cultura e costumes, eventuais curas milagrosas que se recebem em razão da referida revelação privada, a juízo da Igreja”.

O certo é que a Igreja Católica sempre foi muito prudente e de todas as Aparições Marianas, o Vaticano somente reconheceu 16 e 28 contam com a aprovação de Bispos locais.

As Aparições não pertencem ao depósito da Fé. Sua função não é a de “melhorar” ou “completar” a Revelação, mas a de ajudar a vivê-la mais plenamente. (Cf. MORAES, s/d).

Esperamos contribuir para o esclarecimento dos cristãos sobre a atitude a assumir a respeito dos milagres e das revelações particulares, inclusive as Aparições Marianas.

Todas as Aparições Marianas levam o nome do lugar, onde aconteceram: N. Sra. Lourdes, N. Sra. De Fátima, N. Sra. De Guadalupe etc.. Só N. Sra. Aparecida, em vez de receber o nome do local onde apareceu, na época (N. Sra. De Guaratinguetá), deu o nome à cidade Aparecida, que se tornou célebre no Brasil inteiro e, por que não, no mundo.

A Basílica de N. Sra. Aparecida, construída, pela generosidade do povo católico, é um dos mais belos monumentos da fé cristã, erguidos pela arquitetura de Benedito Calixto de Jesus e marcado, ponto a ponto, inclusive a incrível cúpula, pela arte de Cláudio Pastro, falecido, porém imortalizado por sua obra inigualável.



ROMARIA

Renato Teixeira

*É de sonho e de pó, o destino de um só
Feito eu perdido em pensamentos
Sobre o meu cavalo
É de laço e de nó, de gibeira o jiló
Dessa vida cumprida a sol*

*Sou caipira, Pirapora nossa
Senhora de Aparecida
Ilumina a mina escura e funda
O trem da minha vida
Sou caipira, Pirapora nossa
Senhora de Aparecida
Ilumina a mina escura e funda
O trem da minha vida*

*O meu pai foi peão, minha mãe, solidão
Meus irmãos perderam-se na vida
Em busca de aventuras
Descasei, joguei, investi, desisti
Se há sorte eu não sei, nunca vi*

*Sou caipira, Pirapora nossa
Senhora de Aparecida
Ilumina a mina escura e funda
O trem da minha vida
Sou caipira, Pirapora nossa
Senhora de Aparecida
Ilumina a mina escura e funda
O trem da minha vida*

*Me disseram, porém, que eu viesse aqui
Pra pedir em romaria e prece
Paz nos desaventos
Como eu não sei rezar, só queria mostrar
Meu olhar, meu olhar, meu olhar*

*Sou caipira, Pirapora nossa
Senhora de Aparecida
Ilumina a mina escura e funda
O trem da minha vida
Sou caipira, Pirapora nossa
Senhora de Aparecida
Ilumina a mina escura e funda
O trem da minha vida*